



Pelas estradas do êxodo

Sumário

EDITORIAL

- 3 Mudar de rumo
Luisa Deponti



ESPIRITUALIDADE

- 11 Na espiritualidade de São João Batista Scalabrini:
Filhos e irmãos abertos a todos.
Maria Grazia Luise

- 15 O impossível...possível
Adelia Firetti



TESTEMUNHO

- 06 Um mergulho no amor
Thamiris Morgado Antunes

- 26 "Eis que faço novas
todas as coisas"
Antonella Torchiato



CONDISIÃO

- 18 Pessoas em fuga:
1945 e 2023
Christiane Lubos



Edição em Português
Ano XLII n.1 2023

Pelas estradas do êxodo

É uma publicação das
**Missionárias Seculares
Scalabrinianas**
Rua Jenner, 89 - Liberdade
01526-030 São Paulo
SP - BRASIL
Tel: (011) 3208-0872

saopaulo@scala-mss.net
www.scala-mss.net

Desenhos e fotografias:
Arquivo Missionárias Seculares
Scalabrinianas,
desenho na capa e p. 5, 6, 8, 9, 10,
11, 12, 17, 24, 25, 27, 28 e 29;
Pixabay, p.3;
Pexels-Ahmed-Akacha-9493590, p.4;
Href=httpsbr.freepik.com, p. 15;
PublicDomainPictures.net, p.16 e 17;
Bundesarchiv Bild
146-1977-124-30, p. 18;
Migrants-refugees.va, p. 19;
RoHaFototehek Führmann, p.20;
Deutsche Fototehek, p.22;
Flickr.com, p. 26.

**Agradecemos pela
colaboração com os
custos da publicação**

**Banco do Brasil
Agência 3548-3
c/c 4153-X (ou 0)**

**As Missionárias
Seculares
Scalabrinianas,**
Instituto Secular
na Família Scalabriniana,
são leigas consagradas
chamadas a compartilhar
o êxodo dos migrantes;
publicam este periódico
em quatro línguas como
instrumento de diálogo
e de encontro entre as
diversidades.

MUDAR DE RUMO



“Não existe uma crise mundial dos refugiados, mas um mundo em crise que produz movimentos de refugiados”, assim escrevia em 2015 Klaus Bade, importante histórico das migrações, quando milhares de refugiados sírios se colocaram a caminho, muitas vezes a pé, para chegar à Europa. E ainda antes disso, um missionário scalabriniano, Pe. João Batista Sacchetti (1918-1992), sociólogo, havia usado a metáfora eficaz da “lupa”, para falar da migração como um fenômeno que põe em evidência os desafios e os problemas que afligem as sociedades e dizem respeito a todos.

Anos depois, atingida no mundo a cifra de 110 milhões de pessoas, forçadas a fugirem de seus lugares de origem (ACNUR, 2023), há quem ainda tenha a coragem de falar em “emergência”, como se fosse algo momentâneo, enquanto está nítido aos olhos de todos que países inteiros são “estados falidos”, completamente desestabilizados por causa dos grupos armados ou do crime organizado, ou são prisões a céu aberto, onde ditaduras impiedosas sufocam qualquer forma de oposição, ou então são campos de batalha, onde todos os dias a guerra cria vítimas entre populações civis. As mudanças climáticas produzidas pelo homem também se somam às causas das migrações forçadas, não poupando nenhuma região do mundo com seus eventos climáticos extremos.



Portanto, é a humanidade que está doente e em crise – e com ela o nosso planeta. As migrações são apenas um sintoma, e a ideia de construir muros, “espaços fechados”, “países tampão”, para impedir os movimentos migratórios, não é apenas cruel e egoísta, mas completamente ilusória e prejudicial. Pessoas em fuga agarram-se desesperadamente à esperança de alcançar uma terra prometida, que ofereça segurança, trabalho, um futuro menos miserável, liberdade de expressão, direitos humanos, democracia. Esses bens que parecem escassos no mundo devem, ao contrário, ser custodiados e nutridos para serem compartilhados com todos.

Todos nós devemos então, nos apegarmos à esperança viva de poder mudar de rumo enquanto humanidade. Seria uma missão impossível? Muitos já pensam que sim, mas como cristãos discípulos de Jesus Cristo, não podemos nos juntar ao coro das lamentações. Sua morte e ressurreição é a realidade central da nossa fé e nos diz que doar a vida por amor é o caminho vitorioso que pode mudar a nós mesmos e o mundo. É uma esperança certa fundada em Deus: “Os inícios de Deus começam muitas vezes com o nosso fim” (Papa Francisco, audiência de 05 de abril de 2023).

No dia 1º de junho deste ano celebramos a festa litúrgica de São João Batista Scalabrini, foi a primeira vez após sua canonização em 09 de outubro de 2022. Em sua vida, a esperança, ancorada na fé e vivida na caridade para com todos, foi uma dimensão fundamental, motor de um amor concreto e universal, vivido em um momento

histórico difícil, enfrentando muitas dificuldades e contradições. É por isso que Scalabrini é um exemplo para nós hoje e pode inspirar os nossos passos.

Nós missionárias estamos aprofundando o tema da esperança, junto com muitos amigos “pelas estradas do êxodo”, migrantes e jovens. Estes últimos, em particular, muitas vezes são considerados como a esperança, o presente e o futuro da Igreja e do mundo. A busca pelo sentido da vida e o desejo de um mundo melhor, são uma força que não pode ser dispersada nem mesmo impedida: muitos deles são forçados a emigrar para não perderem seus sonhos.

Nesta edição de “Pelas estradas do êxodo” vamos partilhar testemunhos de quem se pôs a caminho e fez escolhas corajosas na vida e vamos falar sobre a Jornada Mundial da Juventude, um evento que sempre busca dar novas asas à esperança dos jovens.

“Maria se levantou e pôs-se a caminho apressadamente” (Lc 1,39) é o título da JMJ e nos lembra que – como Maria, após o anúncio do Anjo – podemos acreditar que a semente da vida nova de Jesus foi semeada em nossa humanidade. O que falta? Precisa-se de pessoas que cuidem dela; por isso a esperança se torna responsabilidade e serviço, que corre com alegria em direção aos outros.

Luisa





UM MERGULHO NO AMOR

Nasci e cresci em São Bernardo do Campo (SP), onde também frequentei a universidade. Por algum tempo, assim como para tantos outros jovens, o centro de minha vida foram meus estudos e minha profissão. Assim que me formei em direito, meu objetivo era entrar para o Ministério Público, onde parecia possível fazer algo pelas pessoas mais vulneráveis: um objetivo que exigia muito tempo e dedicação. Eu dividia essa prioridade com a responsabilidade de morar sozinha, trabalhar e construir um futuro com meu namorado, enquanto almoçávamos nos fins de semana na casa de nossos pais.

Devo dizer que, naquela época, o relacionamento pessoal com Deus não estava entre as minhas prioridades e sempre que eu tinha um movimento interior nesse sentido, eu costumava sufocá-lo com a desculpa de todas as coisas que tinha para fazer. Aconteceu, porém que, em meio a todas essas coisas, de repente e aos poucos, nos fatos concretos da vida, percebi que eu, assim como cada pessoa, era a prioridade de Deus.

Por pura graça tive meu encontro pessoal com Jesus, e ali me senti como se tivesse sido imersa em um mar de Amor, com ondas enormes e infinitas, repletas de misericórdia e intimidade com Deus, com a mesma força e desproporção das águas que ninguém pode controlar. Nesse mergulho, reconheci claramente a verdade que nos ultrapassa e percebi que tudo o mais, de algum modo, era como uma ilusão comparada ao amor de Deus.

Dali em diante, se eu não quisesse viver conscientemente uma “vida falsa”, a minha vida precisava mudar. Com o tempo e com essa inquietação que estava me sufocando, um chamado que eu não conhecia começou a tomar forma na minha vida, um pouco como aconteceu com o jovem rico:

“Jesus o olhou e o amou e disse-lhe... (e assim também para mim...): ,Uma só coisa te falta: vai, vende tudo o que tens, dá aos pobres e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me!”(Mc 10,21).

Tive a graça de ter uma boa direção espiritual, que ainda tenho e cujo centro é especialmente a fé na Palavra de Deus. Assim, minha resposta também começou a tomar forma.

Não foi fácil... O chamado de Deus exigia de mim uma resposta total e isso significava abandonar o que já havia sido construído com dedicação e amor. De fato, era necessário me desfazer dos planos para o futuro, e ver uma pessoa querida partir. Além disso, tive que enfrentar a dor de deixar minha família, me colocando à disposição de um futuro desconhecido, enquanto na fé eu encontrava a única segurança.

Quando conheci as Missionárias Seculares Scalabrinianas, eu já havia dito meu sim a Deus. Eu estava em um período de busca para entender onde viver concretamente essa minha entrega total. E, para caminhar com confiança no discernimento, a direção espiritual sempre foi fundamental.

Através do meu diretor espiritual, um Missionário Scalabriniano, fui convidada pela primeira vez para um encontro de formação para jovens no Centro Internacional Scalabrini, realizado pelas Missionárias Seculares Scalabrinianas em São Paulo. Fui sem nenhuma expectativa, dado que não se tratava de um encontro vocacional. Durante o trajeto de cerca de uma hora, uma colega, que já havia participado várias vezes desses encontros, me explicou um pouco sobre a vocação dessas Missionárias: mulheres leigas consagradas que vivem seus votos no mundo, inseridas em todos os ambientes onde qualquer outra pessoa pudesse se encontrar, buscando fazer crescer a vida do Evangelho a partir de dentro das situações: um fermento de vida nova, especialmente entre os migrantes e os jovens.

Para ser sincera, a princípio não gostei da ideia. O amor de Deus me ultrapassava, me chamava a responder com totalidade, e me parecia

que a *secularidade* não fosse capaz de responder totalmente a esse chamado de Deus.

Mas não era assim... De fato, para Deus não importam as nossas dúvidas, não importa o que sabemos ou ignoramos, ou mesmo se estamos preparados ou não. Deus simplesmente nos convida e pede confiança para caminhar conosco rumo à plena realização de nossas vidas no amor.

Com as Missionárias, esse foi apenas o primeiro de outros encontros dos quais participei, até que, justamente naquela realidade, nova sob tantos aspectos, reencontrei o dom do meu chamado, agora específico, que me pedia um novo sim incondicional. Após um período de tempo, de encontros e experiências, entrei na comunidade de São Paulo e vivo o período de formação inicial tanto no Brasil como na Alemanha.



Me vem sempre um sorriso quando percebo que, na consagração secular, encontrei muito mais do que estava procurando. Caminhando em comunhão, é possível ir cada vez mais em profundidade, descobrindo o centro desse carisma que não apenas responde ao meu desejo de totalidade, mas me desafia na sua origem a viver radicalmente a realidade mais profunda da nossa fé, a Páscoa, o Cristo crucificado e ressuscitado, o Amor.

A densidade e a profundidade dessas realidades não são reveladas imediatamente. Muitas vezes, somos nós que não estamos dispostos a entrar nelas. Mas com a graça de Deus, a perseverança, a comunhão, e não sem sofrimento, é possível mergulhar em profundidade, no centro

da realidade que mudou nossa história, abrindo-nos para o futuro de Deus. Portanto, sou grata a Deus por ter me trazido exatamente aonde me trouxe.



O tempo passa... agora se aproxima o dia da minha consagração por meio dos votos de pobreza, castidade e obediência, o oposto de alguns dos valores predominantes na sociedade. A vida dos votos não pode ser compreendida fora da dimensão da experiência de fé, pessoal e comunitária. É somente assim que a pobreza se torna um espaço para receber os dons de Deus, a castidade se torna a capacidade de amar com o amor de Deus e a obediência abre a porta de acesso ao centro da vida trinitária: vida de comunhão seguindo o caminho do Filho Jesus. Ao mesmo tempo, a própria cruz se torna o encontro com a plenitude do amor, ressurreição e vida nova: uma dinâmica que nos atravessa e que nós atravessamos vivendo juntas em comunhão de vida.

Do coração da nossa vida e missão, podemos seguir os passos do êxodo e vislumbrar a nossa meta: o Pentecostes dos povos, o encontro entre as diferenças, a paz. Uma meta da qual os migrantes se tornam protagonistas e profetas.

O grande São João Batista Scalabrini, desde o início, o senti muito próximo, um santo presente e fascinante. A ele sempre confio a missão desproporcional entre os migrantes e os refugiados, que hoje vivo como

assessora jurídica colaborando com os Missionários Scalabrinianos na Missão Paz em São Paulo. Na minha missão, me confio a Scalabrini, que colheu antes de todos, na própria dureza e dor dos movimentos migratórios, o desígnio de Deus, que pode dar sentido e esperança a todo migrante.

A espiritualidade da encarnação de São J. B. Scalabrini, e o caminho com a comunidade, me ensinaram a viver a consagração não só como um pertencimento radical, mas também como um caminho para que, na pequenez, a encarnação de Jesus se prolongue na história. De fato, São J. B. Scalabrini, homem de esperança, na certeza do que esperava, não ficou de braços cruzados, mas se fez tudo a todos.

Os votos fazem parte de um sim que livremente escolhemos dizer para um Outro que, com sua presença, relativizou para mim todas as outras possibilidades para abrir um caminho fecundo, que se desenvolve na vida cotidiana e em nossa própria pequenez, enquanto abre espaço para a vida d'Aquele que me chamou para segui-lo, migrante com migrantes.

Thamiris





Na espiritualidade de São João Batista Scalabrini: Filhos e irmãos abertos a todos.

São João Batista Scalabrini nos deixou como herança a sua profunda espiritualidade da encarnação: uma visão universal, que encontra eco na Encíclica *“Fratelli tutti”* do Papa Francisco e que pode dilatar nossas mentes e corações para nos acolhermos todos como filhos de Deus, filhos no Filho Jesus, para vivermos consequentemente o amor para com todos: irmãos e filhos de um mesmo Pai.

O que nos une? A realidade da encarnação de Jesus, o Filho de Deus, que se fez homem para nos salvar – não através de ideias, leis ou critérios horizontais – mas através de Sua própria Pessoa, Filho de Deus encarnado em nossa humanidade. Ele nos salva “incorporando-nos” em Seu Corpo humano-divino através dos Sacramentos, especialmente o Batismo e a Eucaristia: assim podemos participar da sua relação com o Pai, também nós como filhos junto dEle. Aderindo com fé e amor a esta realidade profunda, podemos nos abrir, desde já, ao amor universal de Deus e consequentemente a uma surpreendente fraternidade.

Com seu coração universal, J.B. Scalabrini nos convida a viver esta realidade, confiados ao Espírito Santo, que opera ao longo dos séculos para que a humanidade possa se reunir em uma única família de famílias, em um único povo de povos. É um convite à acolhida das diversidades recíprocas, na *humilitas* criatural que nos abre para acolher o amor de Deus, e a cada pessoa próxima

ou distante com suas diferentes e originais conotações. O próprio êxodo dos migrantes é um sinal que nos exorta para sairmos de nós mesmos, rumo à vida nova da comunhão humano-divina.

Nossa comunidade de Missionárias Seculares Scalabrinianas é chamada a viver 'com' e 'como' os migrantes, entre os povos, para se tornar fermento de comunhão entre as diversidades: realidade humano-divina que podemos acolher confiadas ao Cristo crucificado e ressuscitado, ao Espírito Santo que Ele nos doa de Seu lado transpassado e que nos reúne em uma fraternidade diversificada.



Para isso, é preciso deixar-nos transformar pelo Espírito, deixando-nos inspirar cada vez mais e pessoalmente pela espiritualidade scalabriniana, enquanto nos tornamos com Jesus um só Corpo humano-divino, abertos a todos os membros que Ele mesmo reúne em Si. Realmente estamos todos em êxodo nesta terra, em caminho rumo à verdadeira pátria, o próprio coração da Trindade, em comunhão com o Pai, o Filho e o Espírito Santo, rumo à realização de uma humanidade filial, rumo ao sonho de Deus Pai Criador: *“Façamos o homem à nossa imagem e semelhança”* (Gênesis 1,26).

Claro, se nossa humanidade esquece sua origem, corre o risco de ignorar a meta. E, infelizmente, desde o início deixou-se enganar pela maldosa serpente, encontrando-se assim no exílio, fora do paraíso terrestre: exílio do qual ninguém mais poderia ter encontrado o caminho de volta se não nos tivesse sido dado o Caminho, a Verdade e a Vida de Jesus!

Para nos dar este grande dom, no surpreendente mistério da Encarnação, Ele desceu na nossa humanidade, oferecendo-se como o Caminho para a Verdade da Vida. No seu amor gratuito, humilhou-se até ao fim, descendo ao abismo do nosso mal para trazer consigo na salvação, toda mulher e todo homem por meio da transformação da Páscoa.

São J.B. Scalabrini tinha verdadeiramente percebido no Crucificado e Ressuscitado o Sol da Vida e *“a norma do todo verdadeiro progresso social, sendo Ele, a única luz verdadeira que ilumina todo homem e a sociedade toda”*¹. Concretamente, de acordo com o pensamento de Scalabrini: *“Todo o progresso, outra coisa não é, senão Jesus Cristo; Jesus Cristo vivo no homem; Jesus Cristo, que incorpora em si, toda a humanidade”*².

Scalabrini tinha diante de si na Eucaristia o Sol Pascal, o Caminho da transformação, luz de salvação para todos e para cada um. De fato na Páscoa, na morte na cruz do Filho de Deus, o pecado é derrotado, toda iniquidade, toda morte é vencida, a ressurreição decretou a vitória definitiva do amor. Esta incrível transformação nos é oferecida todos os dias no sacrifício eucarístico: *“se na Encarnação, o Verbo uniu-se pessoalmente à natureza humana, na comunhão une-se mais à nossa personalidade. Ele diviniza, de tal modo, nossa essência, cristianiza nosso ser individual”*³.

Como realização do mistério da Encarnação de Jesus, podemos compreender o fruto sublime da Sua e da nossa Páscoa, recebendo de cada pequena ou grande cruz a Sua vida ressuscitada cheia de esperança e amor. O Espírito Santo – Água e Sangue jorrados do lado de Cristo Crucificado – se derrama sobre a humanidade pela salvação de todos. Um dom imenso que não só nos salva, mas também nos *“diviniza”*, realizando o desígnio de Deus e o sonho de todo homem.

Tudo pode cooperar neste desígnio divino, se valorizarmos no amor cada sacrifício, acolhendo em particular o êxodo dos migrantes, enquanto realizamos o nosso êxodo pessoal para viver migrantes com os migrantes. Nos próprios acontecimentos doloridos da migração, São J.B. Scalabrini sabia discernir os sinais de uma possível realização do Projeto universal do amor de Deus.

Com efeito, assim se exprimia: *“Enquanto o mundo se agita embalado pelo seu progresso; enquanto o homem se exalta pelas suas conquistas (...) enquanto os povos se desenvolvem e se renovam, as raças se misturam (...) vai amadurecendo aqui na terra, uma obra bem*

¹ J.B. Scalabrini, Discurso sobre o Santo Crucifixo, Placência 1880; em M. Francesconi, Espiritualidade da Encarnação, p.13.

² Idem

³ J.B. Scalabrini, A devoção ao SS. Sacramento, Placência 1902; em M. Francesconi, Espiritualidade da Encarnação, p.44.

mais vasta, mais nobre, mais sublime: a união de todos os homens de boa vontade, com Deus em Jesus Cristo"⁴.

Desde o início de nossa pequena história como Missionárias Seculares Scalabrinianas tivemos o dom de nos deixarmos inspirar pela profundidade e amplitude da espiritualidade de Scalabrini, abrindo a vida ao Sol da Páscoa, a Jesus crucificado e ressuscitado. Ao ascender ao Pai, Ele não abandonou a humanidade na terra, mas a levou consigo - como Noiva - para a própria comunhão trinitária.

Já somos filhos no Filho de Deus, "*incorporados*" no Corpo místico de Jesus para nos tornarmos, conseqüentemente, todos irmãos, segundo o pensamento atual do Papa Francisco expresso na encíclica "*Fratelli tutti*". Caminhando neste Caminho podemos colaborar com o plano de Deus, cada um com sua pequena parte, valorizando também nós Missionárias a nossa própria secularidade consagrada "*sal e fermento*" para o mundo.

A nossa vocação torna-se missão em Jesus através dos votos de pobreza, castidade e obediência, que radicalizam nossa vida de filhos e irmãos: não mais competidores, individualistas, protagonistas em um puro confronto horizontal, mas abertos a acolher – no espaço da nossa própria pobreza – a vida de Jesus. Desde modo nada falta para que essas relações do cotidiano sejam transformadas pelo amor e vividas cada vez mais pessoalmente e juntas, em comunhão, em fidelidade à nossa consagração.⁵

O ideal que temos no coração é poder caminhar com todos nas pegadas da espiritualidade de São J.B. Scalabrini em uma "*fraternidade scalabriniana*", migrantes com todos os migrantes, valorizando os próprios limites culturais, linguísticos, nacionais e também a vocação específica, para que a *humilitas* possa abrir em todos um espaço amplo para receber o Todo, para poder doá-lo.

Caminhando então cada vez mais juntos, aprenderemos com São J.B. Scalabrini a viver como ele, que se fez "*tudo para todos*"!

Maria Grazia

⁴ J. B. Scalabrini, cfr. Discurso pelo IV Centenário de Cristóvão Colombo, 01-12-1892 e Discurso no Club Católico de New York, 15-10-1901; em M. Francesconi, Espiritualidade da Encarnação, p. 24 e 25.

⁵ Cfr. o Art. 2 das nossas Constituições ao Cap. 1 sobre "Carisma do Instituto". "Somos mulheres chamadas a uma especial consagração a Deus... Regeneradas como filhas no Filho, queremos testemunhar a mais radical novidade cristã do batismo e a comunhão viva e vivificante... pela qual não pertencemos mais a nos mesmas, mas somos propriedade de Cristo".



O impossível... possível

Senhor,
Creio em Ti que és a Vida,
o porque do nosso caminhar,
a ressurreição da nossa morte.
Tu, crucificado por mim, por nós,
te colocaste no ponto exato
onde gravitam
as violências, os massacres, as maldições,
as injustiças, os fracassos,
debaixo de toda a ruína humana.

Ninguém mais do que a Ti
se colocou em lugar tão baixo
nenhum homem
se sujou mais, se desfigurou mais.

Mas ninguém mais do que a Ti,
subiu passo a passo
do trágico abismo
com cada um de nós,
embebendo de Ti,
que és a vida e a ressurreição,
toda queda, toda dor, toda morte.
Tu também, pregado a uma cruz,
invocaste o impossível para Ti.
pediste ao Pai
a potência da ressurreição
para nos mostrar
que a fé, a amizade contigo
nascem da confiança certa,
lá onde termina o nosso possível
e começa o nosso risco,
lá onde se revela a oferta do teu Amor.

A nossa vida então tem início
quando cremos que a morte
esconde a vida,
que toda dor tem a Tua esperança,
que a inimizade pode se dissolver em perdão
o ódio em paz,
a desconfiança em encontro,
o medo em coragem no Espírito,





o egoísmo em caridade,
porque a água jorra da rocha,
a tua Páscoa sai da tumba.

Quando cremos
que tudo é possível,
as nossas prisões
podem se escancarar,
O cofre daquilo que nos pertence
pode se abrir,
e podemos perder a vida
pelo Teu Reino,
e deixar a nossa terra,
os nossos familiares
para te seguir.

Senhor, maravilhe-nos ainda
doando-nos a conversão da fé,
uma nova liberdade de viver para Ti,
um novo falar contigo,
uma nova amizade.

Então arriscar
o impossível é possível
porque Tu és a Esperança, a Vida,
que escancara os sepulcros
das nossas noites
e as transmuta em luz.

Adelia





CONDIVISÃO

PESSOAS EM FUGA: 1945 E 2023

Será que realmente aprendemos com a história? Ou ela simplesmente continua a se repetir? Tínhamos acabado de superar o susto da pandemia e uma nova calamidade atingiu o continente Europeu, desta vez provocada pelo homem: após as guerras balcânicas de 1991 a 2001, um novo conflito armado na Europa, na Ucrânia. Mortos, feridos, refugiados, destruição, miséria.

Desde a Segunda Guerra Mundial até hoje, houve e há no mundo centenas de guerras e conflitos armados, desencadeados por ditaduras ou pelos “senhores da guerra” das mais diversas orientações políticas, sedentos por poder e sem escrúpulos.

No Centro Internacional “J. B. Scalabrini”, em Solothurn (Suíça), com a ajuda de jovens e adultos suíços, realizamos encontros semanais de conversação em alemão para refugiados. Nos demos conta do aumento a cada encontro, da lista dos países de origem dos refugiados que participam: Tibete, Afeganistão, Curdos do Irã, do Iraque, da Turquia e da Síria, Eritreia, Burundi, Nigéria, Somália, Venezuela, Nicarágua, Ucrânia, etc.

Devido à dificuldade que muitos têm em afirmar os motivos de sua fuga, eles acabam por receber uma recusa de seu pedido de asilo. Se a Suíça, por diversos motivos, não decidir por expulsá-los, eles serão mantidos no país, mas em situação de semi-irregularidade. Não podem trabalhar, nem estudar, recebem um pequeno auxílio semanal e um quarto em habitação coletiva. Alguns dos participantes da conversação em alemão vivem assim há mais de sete anos.

A situação deles não pode nos deixar indiferentes: são mulheres, homens, jovens, crianças, pessoas como nós. Muitos vêm de países em guerra, experimentaram opressão e violência, muitos sobreviveram a uma fuga perigosa. Eles têm um potencial inexplorado, sonham com uma “vida normal”, gostariam de contribuir com o país de chegada, trabalhar para se sustentar, mandar os filhos para a escola, aprender o idioma. Tudo isso, porém, lhes é negado.

Quando pergunto sobre o por que de terem vindo para a Suíça, ouço diferentes respostas: alguns queriam se juntar a parentes em outro país, mas foram impedidos; outros foram simplesmente despejados aqui por traficantes; outros ainda ouviram falar da Suíça como um país com tradição humanitária, ou mesmo cristã, onde os direitos humanos são respeitados, onde as pessoas estão seguras.

Quando ouço muitos de nossos amigos, às vezes penso na história de minha família. Meus pais tiveram que fugir após serem expulsos de sua terra natal em 1945¹. E na história deles vejo muitos pontos em comum com os refugiados de hoje, de 2023. Foi por isso que comecei a reler as memórias de minha mãe, escritas para nós, filhos, “para que não esquecêssemos...” e ao ler muitas pessoas de hoje me vêm em mente.



¹ Estas foram as populações de etnia alemã que se instalaram nos territórios da Europa Central e Oriental durante alguns séculos e que, após a Segunda Guerra Mundial, foram vítimas de fortes ressentimentos anti-alemães nos países onde viviam, do deslocamento das fronteiras nacionais ou do controle soviético sobre estas regiões.

Fuga, expulsão e primeiras experiências

Sobre sua expulsão da Boêmia (região absorvida pela Chéquia após a Segunda Guerra Mundial) e chegada à Baviera (região sudeste da Alemanha) minha mãe escreve: *“Nossa situação desesperada se agravava cada vez mais e então meus pais decidiram se «mudar» para a Alemanha de «trem» (...) A ferrovia utilizou os vagões usados para o transporte de gado (...) Eles nos haviam reunido como sardinhas. Antes da partida do trem passamos por um procedimento de controle de pragas e de desinfecção.*



Permanecemos em viagem por muitos dias. Evidentemente nenhuma cidade alemã queria ou podia acolher aqueles pobres sem pátria. Certa vez o trem parou em Piding, perto de Bad Reichenhall na Alemanha. Pela porta de correr observei o belo panorama da paisagem montanhosa, sem prever (ou talvez sim?) que meu futuro marido e seus pais moravam muito perto. Em todo caso, quando vi o campanário de Piding, pensei: aqui vivem cristãos, não pode ser tão ruim. Então o trem começou a se mover novamente e todos se perguntavam para onde ele iria (...)

Depois de um tempo infinitamente longo, mas na realidade apenas alguns dias, finalmente ouvimos um anúncio: «Todos os passageiros desembarquem, estação de Ingolstadt!»”.

A “torre do sino” e os “sinos” despertam tantas memórias e também a esperança de uma acolhida com humanidade, como um jovem eritreu me disse recentemente:

“Há alguns anos fugi do meu país, a Eritreia. Lá muitos jovens se deparam com situações sem saída: não é possível decidir sobre a própria vida, porque temos que cumprir o serviço militar por anos ou décadas, o que torna impossível formar uma família e mantê-la. No fim das contas, a vida lá não tem valor e eu senti isso na minha própria pele. Por isso decidi sair do meu país. Minha viagem durou oito meses passando por dois países muçulmanos: Sudão e Líbia. Somente ao chegar à Europa é que finalmente ouvi o familiar toque de sinos novamente. Na verdade, eu queria ir para a Noruega. Na estação de Zurique, porém, ao trocar de trem fui bloqueado aqui na Suíça. Eles me registraram em um Centro de Solicitantes de asilo e depois me enviaram para Basileia (noroeste da Suíça). Lá ouvi o toque de sinos novamente. Desta vez também tive uma sensação forte: foi como um chamado. Procurei a igreja e entrei. Uma celebração ortodoxa, da qual participei, estava acontecendo.

Fui transferido novamente, para o cantão de Friburgo. Foi novamente o som dos sinos que me convidou para a Missa dominical. Mesmo não entendendo o idioma, ainda assim me sentia em casa, protegido. Agora estou feliz por poder participar uma vez por mês, aqui na Suíça, da liturgia na minha língua. Nesse interim, também conheci algumas pessoas da paróquia. Até fiz uma peregrinação a Roma com eles, foi maravilhoso”.

Ter chegado é o mesmo que ter sido acolhido?

Depois de 1945 cerca de 14 milhões de refugiados alemães se mudaram dos territórios da Europa Oriental para a Alemanha Ocidental. Frequentemente eles se deparavam com atitudes de ignorância e hostilidade. Muitos moradores locais tinham seus próprios problemas e pouca simpatia pelos recém-chegados totalmente desprovidos. O Estado confiscou moradias particulares, acampamentos foram montados e qualquer pessoas que ainda tivesse um espaço vital intacto deveria acolher pelo menos uma família refugiada.

Assim aconteceu também com a família de minha mãe, que consistia em cinco pessoas. Depois de permanecer em vários lugares, primeiro junto com muitas pessoas em um antigo quartel, depois em uma sala de reuniões desativada, eles foram designados para um pequeno município nos arredores de Ingolstadt (sudeste da Alemanha). Eles e duas outras famílias estavam alojados em uma velha e pequena casa para ferroviários. Por um lado, havia certamente a alegria de finalmente estar seguro, por outro haviam enormes dificuldades a enfrentar para

seguir em frente e de alguma forma sobreviver na vida cotidiana. Nos anos de fome, tudo faltava, tudo era preciso pedir e sempre se dependia da generosidade dos outros.



As experiências foram duras: *“Nos deram um quarto e uma cozinha minúscula. Uma casa para ferroviários é na verdade uma casa projetada para uma família pequena, tem pequenos espaços construídos com os materiais mais baratos. Mas éramos três famílias. (...) No meio das belas casas familiares parecia a casinha dos anões. A prefeitura teve que confiscar aquela casa para abrigar as três famílias. Na realidade, o filho da proprietária queria ocupá-la assim que voltasse da guerra. Mas ele nunca voltou e ela esperou por ele em vão por anos.*

Revoltada com a forma como as autoridades procederam, a proprietária não instalou canalizações de água nem eletricidade na casa, ainda por consertar metade. (...) Nossos vizinhos na direção do centro da cidade eram agricultores. Eles moravam numa grande fazenda, que tinha um grande poço na entrada. Minha mãe nos mandou, duas menininhas, para pedir permissão para tirar água do poço. A resposta ofensiva que a camponesa nos mandou comunicar em casa, foi recebida por minha mãe com expressão chocada: “nem

em sonho! Não temos água para refugiados!”. Os outros proprietários de poços também se recusaram a nos dar permissão, embora de forma menos grosseira. Bem longe, na periferia da cidade, porém, havia um poço público, de onde começamos a tirar água”.

Ao ler estas linhas de minha mãe, penso em uma assembleia convocada há alguns anos pelo oficial encarregado dos refugiados de um município rico perto de Solothurn aqui na Suíça.

A indiferença e o distanciamento que ecoaram no debate durante a reunião me marcaram até hoje como uma ferida profunda. Naquele tempo eu acompanhava uma família síria, que havia se alojado recentemente na aldeia. O quarto deles ficava numa velha fazenda não reformada na periferia da cidade. Outras nove famílias de todas as partes do mundo moravam lá em um espaço muito pequeno. Em frente ao antigo pátio estão impressionantes edifícios novos, rodeados de jardins bem cuidados. Na assembleia, no que diz respeito aos novos requerentes de asilo, tratou-se sobretudo de burocracia e dinheiro. Sentados diante de mim, estava um casal de idosos com sua filha. Não sei quanto eles entenderam. Acho que eram afegãos. A filha continuamente tentava traduzir algo do que estava sendo dito. O conselho da cidade, através da porta voz, decidiu que as contribuições para os requerentes de asilo deveriam ser todas niveladas no âmbito do município (naturalmente no nível mais baixo). Além disso, as passagens de ônibus para Solothurn só seriam pagas em caso de viagens justificadas. Em troca, quem precisasse, recebia uma bicicleta. “Andar de bicicleta faz bem para a saúde!” O casal de idosos parecia irritado. Será que eles sabem andar de bicicleta? Eu me perguntei. Na verdade, Solothurn fica a poucos quilômetros daquela aldeia.

Começos difíceis

É preciso muita força de vontade para recomeçar do zero, para encontrar seu espaço em um novo ambiente. Minha mãe acabou conseguindo estudar farmácia, mas o começo foi difícil: *“Estudar em casa era bastante difícil nos meses de outono e inverno porque havia apenas velas e elas eram raras também. Se tivéssemos que nos preparar para uma prova, uma vizinha generosa nos emprestava sua lanterna. Quando realizávamos nossas tarefas à luz de velas, nossos rostos ficavam cobertos de fuligem. Muitas vezes não lavávamos o rosto antes de ir para cama porque estávamos muito cansadas. Por isso, por precaução, a mãe estendia um pano sobre o travesseiro para proteger as fronhas”.*

É incrível como alguns jovens refugiados hoje tem que lutar por uma educação, por um futuro na Suíça. Eles gostariam de frequentar a escola, fazer um estágio ou estudar. Porém, muitos são os obstáculos



que encontram em seu caminho, principalmente quando têm uma autorização de residência precária ou mesmo quando estão irregulares. Assim escreve uma jovem iraniana:

“Meu sonho era de me tornar médica e para isso também queria fazer o ensino médio na Suíça. Estudei alemão dia e noite. Mas no centro para requerentes de asilo não havia espaço nem tranquilidade. Como família tínhamos apenas um quarto minúsculo com três beliches. Meu pai colocou uma pequena lâmpada para mim, acima da minha cama, para que eu pudesse estudar mesmo à noite enquanto os outros dormiam”.

Mas também há humanidade e solidariedade – naqueles tempos e hoje

“Na época vivíamos principalmente de pão, legumes e batatas. A beterraba açucareira dava uma espessa marmelada marrom, que passada no pão saciava a fome por um tempo. Junto com isso bebíamos uma espécie de café torrado com leite. Nossa mãe foi ficando cada vez mais magra com o tempo, com certeza ela passou fome para que comêssemos o suficiente (...).

Uma vez ficamos sem uma migalha de farinha e não conseguíamos mais preparar nada. Esta situação já durava uma semana. Finalmente, entre os restos do que havíamos trazido conosco em nossa fuga, minha mãe pegou um tecido de vários metros de comprimento para as cortinas das janelas. Ela me mandou com o tecido para uma fazenda. Tinha que tentar conseguir um pequeno saco de farinha em troca do tecido. O proprietário da fazenda era menonita (evangélico). (...). Apresentei-lhe o meu pedido, olhando angustiada para este senhor alto e idoso, todo vestido de preto, que por sua vez me observava em silêncio. Ao seu convite para acompanhá-lo, entramos em uma grande sala, na qual havia um baú enorme, de quase 1,20 m, de altura. O quarto tinha grandes janelas e era muito claro. O senhor idoso e silencioso pegou um saco e uma pá de uma mesinha, curvou-se profundamente sobre o baú e encheu o saco de farinha com a pá. Eu exultava dentro de mim pensando em como nossa mãe iria gostar da troca. Mais vezes o senhor bateu o saco com força contra a mesinha, encheu-o novamente, amarrou-o cuidadosamente com um barbante e colocou o precioso

embrulho em meus braços, como fosse uma criança. «Leve de volta o tecido para casa, criança, e diga à sua mãe – pausa – que isso não está em discussão!». Com essas palavras ele saiu da sala novamente e eu corri atrás dele. «Mas eu tenho que pagar!», gaguejei e ele me imitou: «mas, mas...» e foi embora a passos largos”.

Lendo essas memórias de minha mãe penso em muitas situações e pessoas que ainda hoje demonstram coração e humanidade. São os muitos jovens e adultos que vêm ao nosso encontro para a conversação em alemão todas as sextas-feiras à tarde, para conversar, brincar, fazer contas, rir, mas também se preocupar e chorar com os refugiados. Tem uma família suíça que acolhe uma jovem iraniana durante a semana para que ela possa deixar o abrigo de refugiados e fazer um treinamento vocacional para se tornar ótica. Tem um empresário que emprega pessoas sem perspectivas, mas motivadas. Tem uma professora que assume todas as despesas e a burocracia para permitir que uma jovem com autorização de residência precária possa fazer aprendizagem como florista. Tem um pároco que hospeda um jovem paquistanês. Tem pessoas que apoiam outras de várias formas, que lhes dedicam tempo, convidam para uma reunião familiar, um concerto, um café, que as ouvem, rezam por elas. A lista é interminável, só pensando no meu ambiente.

O Papa Francisco escreveu em uma de suas Mensagem: “Não se trata apenas dos migrantes, trata-se de todos nós”. E não é mesmo que a nossa vida se torna um pouco mais humana, se aprendermos a partilhar – naqueles tempos e hoje?

Christiane





“Eis que faço novas todas as coisas”

Em agosto aconteceu a Jornada Mundial da Juventude (JMJ) em Lisboa, um encontro entre milhares de jovens vindos de várias nações, e o Papa Francisco.

Uma dimensão muito presente nesta experiência é a peregrinação. Antes de tudo porque a cruz, que acompanha as Jornadas Mundiais da Juventude, peregrina pelo mundo desde 1984, como se nos recordasse que o primeiro a se colocar em viagem é Deus, que em Jesus se faz homem para nos encontrar, e depois porque a humanidade desde sempre experimenta a busca por Deus como caminho e é justamente no caminhar e no ir para longe que muitas vezes se encontra o espaço para se abrir ao Seu mistério.

Pedimos a Antonella, que atualmente está vivendo o tempo de formação inicial em nossa comunidade missionária, em Roma, para nos contar o que significaram para ela as peregrinações que já viveu em sua vida: um estímulo para, mesmo após a conclusão da JMJ ou de outras experiências de “saída” do próprio ambiente, descobrir como manter viva a novidade, a surpresa, o salto, que permaneceram em nossos corações. O êxodo, de fato, é aquela ida para longe que pode animar cada um dos nossos dias para nos maravilhar com a presença do Senhor e fazer surgir dentro de nós a alegria.

Tem uma música italiana que foi lançada quando eu tinha uns doze anos e que eu gostava muito, tanto pelo ritmo bem animado como por uma parte especial do refrão que diz: “*Mas como é bonito andar por aí com asas sob os pés*”. Essa canção me retornava em mente sobretudo sempre que eu calçava botas ou sandálias de caminhada e, com a mochila nas costas, partia para uma longa caminhada. Uma longa caminhada, lenta e experiencial, que hoje chamamos, na linguagem atual, de *trekking*. No entanto, muitas das rotas mais famosas que são percorridas na Europa, todos os anos e em todas as estações, por centenas de pessoas, são rotas de peregrinação antiquíssimas, que monges e fiéis de todos os tempos percorreram por devoção, para viver experiências profundas de gratidão, de penitência, de reconciliação, para chegar a santuários importantes para o cristianismo como o de Santiago de Compostela na Espanha ou Fátima em Portugal ou São Pedro em Roma ou Jerusalém. E tantas experiências deste tipo existem para quase todas as religiões do mundo.

Na minha vida, tive a oportunidade, pela qual sou muito grata, de fazer quatro peregrinações a pé: três a Compostela, cidade que hospeda o túmulo do Apóstolo Tiago na Galiza; e uma mais recente onde fui a Paola, na Calábria, cidade onde se venera São Francisco de Paula. Quatro experiências muito diferentes e intensas. Guardo uma lembrança muito especial de cada uma delas, das pessoas que partiram comigo, das que conheci pelo caminho, dos momentos da vida a que cada viagem está relacionada.

Ninguém se põe a caminho se não tiver uma grande motivação no coração que o mova, ainda que raramente se tenha consciência disso. Muitas vezes há uma dor que se quer entregar ou da qual se espera distrair pelo cansaço do corpo ou então simplesmente se tem vontade de sair da rotina e cair na estrada. A maioria das pessoas que encontrei não dizia ter uma fé específica,





nem motivações religiosas a movê-las, mas todas elas, mesmo as que pareciam ter o aspecto mais “turístico” ou que pareciam ter aspirações aventureiras ou desportivas, com o passar dos dias, com o cansaço acumulado, revelavam uma vontade profunda e sincera de viver a maior das viagens: aquela da busca dentro de si, do sentido da própria existência. Nos jantares partilhados nos vários albergues, ou nos

trechos de estrada percorridos, nas paradas, nas massagens de emergência ou nos conselhos para sobreviver a bolhas e tendinites, fica-se nu, passamos a nos contar a vida sem muitas máscaras. É uma experiência de grande humanidade, de fraternidade. E ainda, é forte pensar que podemos viajar centenas de quilómetros, conhecer centenas de pessoas interessantes e escrever dezenas de páginas de diários sem nunca atingirmos realmente a meta que o nosso coração espera e deseja.

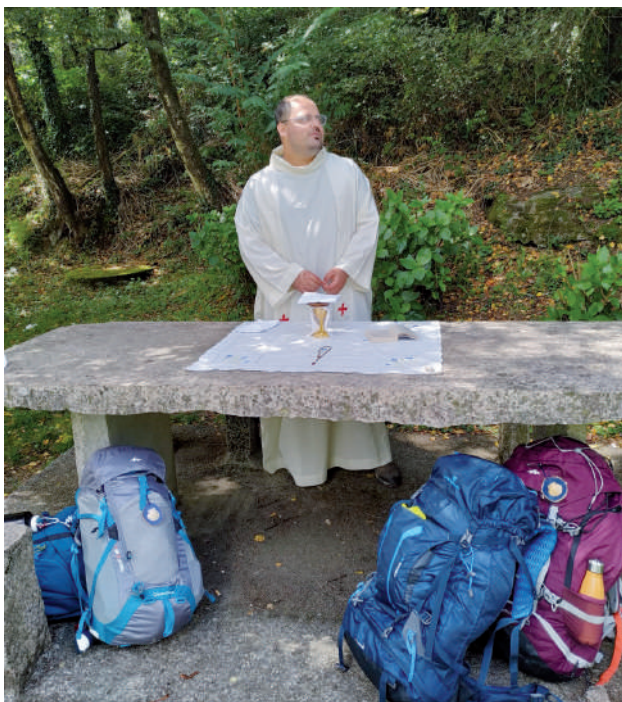
Quando vivi a experiência da verdadeira conversão do coração, quando realmente tive a experiência de dar um salto, bem, aquela vez marcou o passo. Marca os passos. Penso, em particular, em quando cheguei a Santiago de Compostela pelo Caminho Inglês. Certamente não foi o percurso mais lindo do ponto de vista da paisagem, nem o mais rico em pessoas encontradas, nem o mais cansativo. Enfim, não tinha nada de especial em si. Mas daquela vez algo mudou em mim. Eu já tinha percorrido o caminho para Santiago duas vezes, e é por isso que quando Pe. Alfonso,



meu querido e fraterno amigo, frade da Ordem dos Mínimos, convidou-me para ir com Giuseppe, Silvana e ele, inicialmente eu não quis aceitar. As duas experiências anteriores, de fato, foram muito intensas, muito especiais e cheias de tesouros. Minha primeira caminhada foi para agradecer por ter alcançado o objetivo de me formar em medicina e confiar o futuro. Eu havia aprendido a aceitar meus limites e a mostrá-los, mesmo tendo vergonha deles. Descobri que quando o corpo é posto à prova pelo esforço físico, pelo cansaço, não se quer apenas aliviar a mochila, escolher entre o que é realmente necessário e o que não é, mas sobretudo até os pensamentos diminuem, o espírito também fica mais leve. Na primeira como na segunda peregrinação tinha conseguido chegar a Santiago, mas o meu coração ainda não tinha chegado à meta.

Então chegamos à terceira vez. O Pe. Alfonso me aconselhava a partir porque tínhamos falado muitas vezes sobre como seria maravilhoso vivermos juntos a peregrinação, mas sobretudo porque naquele período eu estava profundamente inquieta. Tinha dentro de mim uma grande dor, a do fracasso de uma relação amorosa, mas, mais do que tudo, a inquietação de não saber como encontrar a minha felicidade e, portanto, o meu coração. Eu havia perdido completamente o caminho. Voltar a Santiago não me parecia uma grande ideia, mas o Pe. Alfonso disse-me: „Vem, reconcilia-te!“. Alguns dias antes da partida organizada pelo grupo, tomei minha decisão e parti. Na mochila também coloquei alguns livros bem pesados, que de alguma forma me lembravam do que eu estava passando.

Todas as manhãs partíamos muito cedo, como bons peregrinos, mas sem o estresse de uma competição (como acontece muitas vezes ao longo do caminho), sem ansiedade pelo desempenho físico, mas procurando esperar uns pelos outros, respeitando o ritmo e as necessidades de cada um. E acima de tudo rindo, rindo muito! Sempre, exceto no momento mais bonito do dia: o da celebração eucarística! Um luxo pelo caminho, porque, infelizmente, mesmo que pareça um paradoxo, a maioria das Igrejas ao longo do caminho estão fechadas



e de missas ou padres muitas vezes, ao longo de quilômetros e quilômetros, não há nem sombra! Assim, o Pe. Alfonso preparou as hóstias e o necessário para erguer um altar digno e depois distribuímos os pesos nas nossas mochilas. Tive de carregar o vinho durante algum tempo. Assim acontecia que a certa altura do dia, no meio da manhã, ou depois do almoço, ou no final da etapa, um bosque, uma capela campestre, um pequeno quarto de hospedaria ou uma grande rocha voltada para o oceano tornavam-se lugares para celebrar a Eucaristia, com simplicidade e alegria. Quantas lágrimas chorei todas às vezes. Cheia de comoção, espanto, maravilha. A graça estava acariciando meu coração.

O momento que marcou uma virada foi um momento pequeno, silencioso e muito breve. Depois de alguns dias de caminhada, com tantos pensamentos contrastantes no coração, senti que o peso que carregava era grande demais e que os livros que trazia na mochila o representavam bem. Queria deixá-los no albergue, mas havia prometido a mim mesmo que os levaria para Santiago. A certa altura da etapa, porém, após uma subida cansativa, chegamos em frente a uma Igreja e resolvemos entrar para uma brevíssima parada: havia uma estupenda Virgem do Caminho (*Nuestra Señora del Camino*) ao lado do altar. Depois de um tempo os outros saíram, mas eu fiquei mais um segundo: senti no meu coração que ela me dizia para confiar todos os fardos a ela, para confiar todos os fardos ao seu Filho. Então deixei o peso daqueles livros ao pé do altar, rezando: “*Transforma meu coração com Teu Amor*”.

Eis que, desde então, foi o meu coração que ganhou asas e percorreu muitos quilômetros pelo caminho do Amor e pelas estradas do êxodo! Uma canção da Scalabrini Band, nesse sentido, parece-me uma oração maravilhosa: “*Liberta minhas asas, se me chamas para voar; liberta meu coração, se me chamas para amar!*”. Maria, jovem mulher fecunda de amor, é o exemplo mais luminoso deste voo e desta alegre liberdade.

Ao término de uma peregrinação, temos então um precioso momento para nos perguntarmos: O que o Senhor tem a dizer à minha história, à sua história hoje? Qual anúncio recebi e corro o risco de esquecer ou qual anúncio estou recebendo e corro o risco de não ouvir?

Quantas ocasiões sempre nos são dadas para ressurgir à Vida Nova, para colhê-la e acolhê-la: será o Caminho de Santiago, será um encontro internacional de verão ou a JMJ em Lisboa 2023 ou... É o momento certo para ouvir o Senhor que, com voz gentil, diz: “*Eis que eu faço novas todas as coisas*” (Ap 21,5).

Antonella T.



As Missionárias Seculares Scalabrinianas
com muita alegria, convidam para a

CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA

no dia 05 de Novembro de 2023

às 10:30h

na Paróquia N. Sra da Boa Viagem-

Basilica Menor

Praça da Matriz, s/n - Centro SBC - SP

durante a qual

THAMIRIS MORGADO ANTUNES

pronunciará com os votos de pobreza, castidade e
obediência o seu sim ao seguimento de Jesus
no Instituto das Missionárias Seculares Scalabrinianas,
migrante com os migrantes.

Após a celebração haverá uma recepção.
Favor confirmar presença: (11) 97728-2346



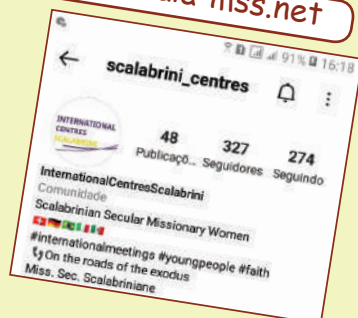
E para seguirem as propostas dos Centros Internacionais
para Jovens - J.B.Scalabrini



Nos acompanhem nas nossas
redes sociais!



www.scale-mss.net



Brasil	<p>Centro Internacional para Jovens - J.B.Scalabrini Rua Jenner, 89, Bairro Liberdade CEP 01526-030 SÃO PAULO - SP Tel. 11 3208-0872 saopaulo@scala-mss.net</p>
México	<p>Centro Internacional Misionero - Scalabrini Calle Comercio y Administración 17 Col. Copilco Universidad – Alcaldía Coyoacán 04360 MÉXICO - D.F. Tel. 0052 55 5658.9609 mexico@scala-mss.net</p>
Suíça	<p>Internationales Bildungszentrum für Jugendliche Scalabrini Baselstrasse 25 - 4500 SOLOTHURN - CH Tel. 0041 32 623 54 72 ibz-solothurn@scala-mss.net</p> <p>St. Galler-Ring 184 - 4054 BASEL - CH Tel. 0041 61 283 11 55 basel@scala-mss.net</p>
Alemanha	<p>Missionarie Secolari Scalabriniane Neckartalstrasse 71 - 70376 STUTTGART - D Tel. 0049 711 54 10 55 stuttgart@scala-mss.net</p> <p>Centro di Spiritualità Landhausstr. 65 - 70190 STUTTGART - D Tel. 0049 711 24 03 34 cds.stuttgart@t-online.de</p>
Itália	<p>Centro Missionario Scalabrini Via G. Mercalli, 13 - 20122 MILANO - I Tel. 0039 02 583 098 20 milano@scala-mss.net</p> <p>Missionarie Secolari Scalabriniane Piazzale Gregorio VII, 65 - 00165 ROMA - I Tel. 0039 06 640 171 25 roma@scala-mss.net</p> <p>Missionarie Secolari Scalabriniane Salita Sant'Antonio, 18 - 92100 AGRIGENTO - I Tel.: 0039/0922/24807 agrigento@scala-mss.net</p>